

Celso Maria de Mello Pupo  
da Academia Campinense de Letras  
da Academia Paulista de História.

MAESTRO ELIAS ÁLVARES LOBO  
Pesquisa e recordações sobre sua vida, sua obra  
e sua família de músicos.

"Como a sepultura é a terra do  
esquecimento, assim o céu é a  
pátria da memória"

(Padre Antônio Vieira - "Sermão  
Gratulatório e Panegírico").  
(Vol. XV - pag. 6 edição 1909.  
Livraria Chardon.

Prefácio de Odilon Nogueira de Mattos.

O Ituano - O Episódio da Louca - Entusiasmo e Fé - Elias e Carlos Gomes - Campinas - Vida Paulistana: ~~Trabalhos~~ - O gênio Musical, Notícias e Críticas - Sua Origem Masculina; Os Lannois Principescos - Lobo do Maestro - o Fundador e Governador da Colônia - A Filha do Fundador e Governador - O Maestro e sua Família de Músicos.

### O Ituano

A 23 de agosto de 1875, passadas as dezessete horas, chegava a Itu o Imperador Dom Pedro II. Sua Majestade, da visão que teve ao entrar o trem na estação da estrada de ferro, registrou em seu diário "um brilhante recebimento", acrescentando: "já vi à testa de sua música, o Elias Lobo da Noite de São João".

É significativo que um monarca, no seu imenso império do Brasil, tenha tido a sensibilidade de se impressionar e registrar, em seu diário, esta primeira visão da chegada a Itu, a cidade da convenção republicana de 1873, com o "brilhante recebimento" que o devia empolgar como alegria de um triunfo. Mas pasma ter sido acompanhada de minúcia, caracteristicamente humana, de rever um robusto talento, é verdade, mas de modesto professor de música de uma cidade do interior da província, e que, havia quinze anos, Sua Majestade não encontrava. Grande e humano Imperador; mas também grande talento e humano coração do artista!

Descendia o Maestro de ilustres famílias de Portugal, pelo apelido Lobo e pela ascendência masculina, direta, de Lannoy; aquela vinda para o Brasil em 1679, na pessoa de um governador, como vamos dizer adiante, cuja filha se casou com militar flamengo (Lannoy), de ofício na região de capitânicas do norte do país. Um ramo descendente deste casal, se fixou em Paranaguá onde nasceu o pai do Maestro, José Manuel Lobo (II).

José Manuel, nascido em 1788, ainda vivia em sua vila natal em 1805. Era de estatura ordinária, tinha olhos pardos e cabelos ~~castanhos~~ castanhos, talvez herdados dos avoengos da Flandres. Casou-se, pela primeira vez, em São Paulo, a 30 de novembro de 1811, passando a residir em Itu onde foi escrivão da Ouvidoria. Pelo seu segundo casamento, com senhora da velha gente paulista, foi pai do Maestro Elias Lobo, que deixou com seis anos ao falecer em 1840. Homem letrado, o que não era comum naquela época, ocupara cargos de tabelião e escrivão da Ouvidoria, que lhe dava, mesmo sem bens materiais, vasto círculo de amizade nos mais altos níveis sociais da capitania e província.

Das indicações que conseguimos em nossas pesquisas, José Manuel Lobo (II) teve cinco filhos do primeiro casamento e oito do segundo, treze no total, sendo póstumo o último, José Alves da Conceição Lobo, pois nasceu dois meses após o falecimento do pai.

Elias Lobo ficou órfão de pai aos seis anos de idade.

Embora se diga que teve instrução administrada pelo Padre Feijó (1), errada é esta afirmativa, pois Feijó, já em 1804, residia em Campinas, vivendo "de ensinar gramática", diz o recenseamento local, e aqui viveu nos anos seguintes, sendo, em 1809, senhor de escravos e de propriedade agrícola. Só em 1816 recebeu Feijó o presbitério, depois do que permaneceu em Itu, em Chácara que possuía junto ao Patrocínio, e na qual foi plantar chá e café, e juntar-se ao chamado grupo de padres do mesmo nome (2), sem deixar o seu engenho de Campinas, que foi entregue à administração de seu grande amigo, Raimundo Álvares dos Santos Prado Leme, Engenho anotado nos recenseamentos de 1816 e de 1818, este ano com produção de mil e duzentas arrobas de açúcar (3). Em 1821 era Feijó deputado às Cortes de Lisboa, vida política fora de Itu, que se prolongou até seu falecimento.

Elias Lobo teve sua primeira instrução com elementos de sua terra natal e, tendo por padrinho de batismo o Padre Elias do Monte Carmelo, é possível que o padrinho fosse o seu primeiro mestre; nunca, porém, o Padre Feijó, regente do Império quando nasceu o Maestro em 1834, e que não mais voltou a residir em Itu. Parece-nos incontestável que a sua principal cultura na meninice, tenha sido a religiosa, católica, o que sempre revelou em sua vida e em sua permanente devoção, até falecer.

Bem jovem, Elias Lobo já era um compositor musical. Em suas obras encontramos, do ano de 1854, quando tinha ele vinte anos de idade, a marcha número 14, "A Prisão", enquanto Taunay afirmava que o Maestro, "com menos de 16 anos, podia apresentar boa cópia de composições, sobretudo sacras, sem contar peças para piano e banda". Sua primeira missa foi composta em 1855, pelo moço de 21 anos, ~~xxxx~~ e executada pela primeira vez em setembro, na então vila de Tietê. Sua segunda missa foi cantada em Itu, na festa de Nossa Senhora do Carmo, a 20 de junho de 1856; e a terceira a 15 de maio, festa do Espírito Santo, do ano de 1857, ano em que Elias Lobo compôs ainda uma sinfonia para dois violinos, viola, flauta duas clarinetas, pistom, duas trompas, dois clavins, dois aficlides, dois trombones e dois contrabaixos.

Sobre esta organização de orquestra, comentou Niza de Castro Rank que, na cultura musical brasileira da época, prevalecia a banda de música, evoluindo-se para a orquestra, do que resultava composição de orquestras com instrumentos de banda. Isto <sup>na</sup> só se verificava em composições de Elias Lobo, mas também em composições de Carlos Gomes e outros.

Elias Lobo viveu para a sua intensa convicção religiosa e para a música que foram toda a sua vida, lecionando e compondo no seu viver marcado de solidade <sup>nie</sup> humana.

Tendo que dar satisfações a seus amigos pela demorada encenação da sua segunda ópera, a Louca, redigiu uma notícia que

culpava José Amat, mas não a publicou, publicando uma outra que justificava o atraso e deixou até a sua própria família acreditar que a não encenação de "A Louca", devia-se a extravio do quarto ato da partitura, o que nunca aconteceu!

~~seu viver de intensa solidariedade humana.~~ Foi-lhe fecundo o ano de 1858, produzindo sua quarta missa, de São Pedro de Alcântara, oferecida ao Imperador e cantada em Itu e, a 1ª de dezembro, na capela imperial do Rio de Janeiro. Compôs também sua primeira ópera, sem pretensões de apresentá-la à ribalta, mas na modesta intenção de exibí-la em círculos restritos. "Em meado de julho, Elias Álvares Lobo dirigiu-se à Corte com o fito de lá fazer representar sua ópera "A Noite de São João". Passando por São Paulo, toca-a ao piano diante de entendidos, num sarau em casa do sr. Gomide, na rua da Freira" (4), isto em 15/7/1859, e a 19, o "Correio Paulistano" noticiava e apreciava a composição do maestro ituano. "Foi escrita para piano e canto, no período de 28 dias", "para ser cantada em família; mas aplausos que teve em São Paulo e conselhos de vários amigos, o decidiram a pô-la em orquestra e trazê-la ao Rio de Janeiro, onde foi executada pela companhia da ópera nacional, a 14 de dezembro de 1860, ~~com~~ ~~o~~ ~~seu~~ ~~autor~~, com geral aplauso" (5). Desta ópera o autor extraiu a quadrilha para clarineta, pistom, oficlíde e trombone.

Venceu Elias Lobo com a sua primeira ópera, peça nacionalista, de costumes nossos, "A Noite de São João", que foi a primeira ópera de autor brasileiro levada à cena no Brasil, apresentada no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, com libreto de José de Alencar, significando o sentir patriótico do seu autor. A ópera foi levada com grande sucesso, sempre regida pelo jovem maestro Antônio Carlos Gomes; ela se abre "pelo coro dos caipiras, em dó maior, com acompanhamento obrigado de violas. Aqui o sr. Elias Lobo nacionalizou a sua obra, pelo estilo popular e genuíno brasileiro, a verdadeira cor local, quando se trata de dar uma forma aos sentimentos do povo".

→ "Muito tempo antes de ser oficialmente aplaudido na Corte, já Elias Lobo merecera dos acadêmicos paulistas uma consagração ao seu talento, a ~~primeira que recebeu~~" (6).

"Estava escrito que o ano de 1860 ficaria marcado por um acontecimento de singular significado para o teatro lírico nacional: a 14 de dezembro no São Pedro de Alcântara, é levada à cena, pela empresa da Ópera Lírica Nacional, a primeira ópera vazada em assunto regional brasileiro e escrita, tanto o libreto como a partitura, por brasileiros. Era essa ópera "A Noite de São João"; os versos eram de José de Alencar e a música de Elias Álvares Lobo. Teve por interpretes, Eduardo Medina Ribas (André, tabelião em São Paulo), Andrea Marchetti (Carlos, sobrinho de André), Luísa Amat (Inês, filha de André) e Carlota Milliet (Joana, velha cigana). Com esse espetáculo, a empresa conquistou definitivamente as simpatias do público" (7).

"Ilmo. Snr. Elias Álvares Lobo - Colégio São Luís, 11/4/1874

"Atrevo-me a pedir-lhe um favor, e espero que V. S. queira desculpar minha liberdade, talvez demasiada. O R. P. José Galvão amanhã quer cantar missa às 7 horas no Patrocínio, e quer também que lhe assista o P. Sabatini. O pobre velho sentiria muito a ausência do dito Padre; como tem mostrado quando eu lhe disse que talvez não poderia ir. Mas eu preciso de um para tocar o harmonium na Missa, em que amanhã os meninos do Colégio vão desobrigar. Não poderia V. S. vir ao Colégio pelas 6 1/4 horas? No caso que viesse ficar-lhe-ia muito obrigado este criado de V. S." (a) Augusto Stanislau Aureli (19).

"Ilmo. Snr. - Colégio São Luís, 24/4/1874."

"Escrevo-lhe a presente para lhe pedir o favor de vir domingo ao Colégio para tocar o harmonium na Missa Cantada e bênção. Desejaria amanhã fazer um ensaio para os meninos. Talvez o P. Tadei (20) já lhe falou nisso. Porém pensei que talvez seria melhor para a prova outra hora, isto é, mais ou menos às 3 1/2 da tarde. Peço-lhe o favor de mandar dizer para o meio dia de amanhã se V. S. pode vir àquela hora". "Desculpe e aceite os sentimentos de estima deste seu criado obrigado" (a) Augusto Stanislau Aureli.

"Ilmo. Amigo e Snr. Elias Lobo"

"Nunca senti ser pobre como hoje; morreu o Snr. Antônio Freire, que na minha opinião podia se chamar benemérito da Ordem, foi um irmão modelo, e eu não posso hoje gastar dinheiro meu porque não tenho, nem da Ordem porque não tem, estando empenhada a fazer obras indispensáveis. Desejava 6ª feira celebrar uma missa com encomendação sufragando sua alma. Vou pedir-lhe não sei se de favor ou se de esmola, a música que Vmçê. e Snr. Tristão dirigem e saiba que se não fora tanto merecimento que tributo a esse finado, eu jamais incomodaria a pessoa alguma, mas desejo que o homem virtuoso jamais possa ficar esquecido entre seus patrícios e mesmo seus irmãos!" "Se for possível o que peço, ao menos terei esse prazer na minha vida". "Santuário do Carmo, 2 de setembro de 1874. Seu parente e amigo afetuosos;" (a) Luciano Francisco de Lima (21).

Como se vê pelos pedidos que recebia, era homempres-tativo e bondoso; jovial, alegre, sua modéstia não o fazia um misan-tropo, pois era sempre de ativa sociabilidade, e disto deixou regis-tro um seu parente, descrevendo-lhe a figura: "Vestia-se com regular esmero, não tinha luxo. Não deixava a sua cartola, chapéu alto de pe-lo muito em uso nesse tempo. Conservava sempre cabelos compridos. Le-vantava-se cedo, e antes disso, tomava seu café costumeiro, e aí mui-tas vezes recebia visita de seus íntimos que encontravam-no sentado,"

18

~~em~~ "de pernas cruzadas, tendo a seu lado papel de música, pena e pertences, bem como, fumo e palha de cigarros por ele mesmo caprichosamente preparadas. Nesses momentos, quantos ditos e brincadeiras eram dirigidos a seus visitantes...! Às vezes deixava, bruscamente, suas visitas e dirigia-se à sala próxima onde, ao piano, ia concluir o que antes havia começado a idealizar!..." "Nesse teor, nesse estado de bom humor, brincava com todos. A sua casa era um contínuo movimentar, pois o velho e sua consorte Elisa Lobo não tinham medidas, desfaziavam-se em gentilezas e a todos tratavam alegremente. Tinha uma predileção pelas plantas e, por isso mesmo, as que tinha em seu quintal tratava com esmero, principalmente as hortaliças" (22).

Pelo ano de 1875, resolveu cogitar de sua terceira ópera que ficou inacabada, "Sacrifício de Amor", tendo participado, neste mesmo ano, em São Paulo, do Congresso de Professores, de sua própria convocação. Foi quando deixou de residir em Itu, estabelecendo-se em Itatiba; e ampliando o número de seus discípulos, principalmente filhas de grandes fazendeiros desta cidade e de Campinas, a Campinas no auge de sua opulenta produção cafeeira, com educação das moçoilas no próprio lar, nas fazendas, e professores que compareciam para as aulas de música, dança, artes, uma língua estrangeira pelo menos - o francês - habilidades domésticas, e demais complementos para uma educação esmerada.

Autor de tratado para ensino de música, em Itatiba, em 1876, fez imprimir a primeira edição do seu "Método de Música" (figura ), impressão de escrita tipo manual, muito bonita, que se abria com o seguinte prefácio:

"Dando publicidade ao presente Método, não tenho em mira glória alguma, mas sim a vantagem que daí possa resultar aos meus colegas e àqueles que quiserem dedicar-se à sublime arte da Música.

Nenhum dos métodos conhecidos por mim, segue a ordem de lições que tenho adotado, a qual tem sido de muito proveito para os alunos, pois alguns, mesmo com falta de inteligência, têm obtido vantagens com a aplicação do meu método.

A experiência que tenho tido no ensino feito pelo método que ora publico, autoriza-me a dizer que os alunos que tiverem habilitações para o estudo da música, poderão tornar-se músicos no curto espaço de seis meses.

O plano adotado no meu trabalho, consiste em explicar só o estritamente necessário para a lição que tem de dar o aluno, exigindo mais compreensão do que memória, tornando-se assim mais difíceis as seis primeiras lições, por ser necessário ao aluno conhecer o que é música, pauta, monossílabos da solfa, claves, compasso, semibreve, e pauta divisora, ficando para a segunda o conhecimento da mínima, da terceira e da semínima, etc.

Todos os caracteres da música são por mim denominados de

19

notas, e para ~~xxx~~ exemplo apresento as seguintes perguntas e respostas:

- Que ~~uma~~ nota é esta?

Clave de sol.

- Em que linha está assinada?

Na segunda.

- Que solfa toma-se na segunda linha?

Sol &.

Ao dó, ré, mi &, chamo de solfa e não de notas, signos ou sons, não só porque notas, signos ou figuras, são todos caracteres musicais, e som o movimento vibratório do ar, como quando cantam-se as primeiras lições ou mesmo outras músicas com as sílabas dó, ré, mi, & solfejam-se, e, pergunto eu, que é solfejar?... naturalmente terei como resposta: é entoar a música pronunciando-se os monossílabos da solfa dó, ré, mi, &.

Uso um tema, variando-o conforme a capacidade do aluno, como se vê desde as primeiras lições, por entender que com este sistema, não só educa-se o ouvido do aluno, como faz-se ele ir conhecendo a diversidade de valores.

Convém que o professor que adotar o presente método, escreva lições idênticas aos exemplos que nele se acham, quando não sejam estas suficientes.

Conquanto reconheça a imperfeição do meu modesto trabalho, tenho todavia convicção de que, com o sistema adotado por mim, se conseguirá em menos tempo fazerem-se músicos, do que com outro qualquer método, e ofereço como prova a longa prática que tenho de ensino desde 1853, e a aplicação do presente método desde 1858.

Se tiver a felicidade de conseguir o meu desideratum dando à luz da publicidade o meu trabalho, dar-me-ei por recompensado.

Belém de Jundiaí".

Sobre o Método, manifestou-se Rafael Coelho Machado, (a quem Elias Lobo chama de mestre) do Rio de Janeiro, em 30/10/1876, dizendo: "Agrada-me o laconismo das suas definições, pois que nas obras didáticas a prolixidade enfada os alunos senão os embarça; julgo que sua obra há de concorrer eficazmente para a propagação da música pela facilidade que oferece aos que por ela estudarem. Se não existissem as suas numerosas composições musicais que lhe têm criado uma bem merecida reputação, este novo trabalho por si só seria bastante para dar-lhe um lugar distinto entre os mestres; dou-lhe por isso os parabéns, e muito desejo que publique a sua obra o mais breve que lhe for possível".

20

Neste ano de 1876, compôs as suas nona e décima missas que, segundo Sacramento Blake, "são duas menores".

### Elias e Carlos Gomes

Sem poder fixar a época do surgimento de uma lenda de inimizade entre os dois maestros, e aos que acolhem tál lenda de ter havido algum estremecimento de amizade entre o Maestro Elias Lobo e o seu colega de arte, Antônio Carlos Gomes, podemos transmitir o fato de ter ouvido, repetidamente, de filho de Elias Lobo, formal desmentido a essa fantasiosa narrativa. Não houve qualquer ressentimento entre os dois talentosos compositores. Sempre foram amigos e, quando Carlos Gomes chegou da Europa depois de sua gloriosa apresentação do Guarani em Milão, e de ter recebido entusiásticos elogios, foi à casa de Elias Lobo onde executou, ao piano e em presença do Maestro Elias e de seu filho, muitos trechos de sua recente ópera, solicitando, gentilmente, o juízo do seu colega de composição operística.

Os divulgadores da lenda do desentendimento entre os dois compositores, afirmam que a discórdia teve fundamento motivado pelas duas óperas, "A Noite de São João" e "Noite do Castelo"; e que as relações foram reatadas "na estação de Jundiaí"! Mostram desconhecer, por inteiro, as duas óperas, os dois libretos, pois, enquanto "A Noite de São João" seja uma ópera nacionalista, com festa folclórica, quadrilha e mais, com características bem brasileiros, "Noite do Castelo" tem assunto integralmente europeu e se passa em Lisboa em 1250.

Talvez tenha servido de motivo à balela, a repetição da palavra "noite"; em dois títulos que muito se distanciam, mas que permitiram a fantasia transmitida como verdade. E veja-se que as óperas, "A Noite de São João" e "Noite do Castelo"; foram compostas, a primeira em 1858, e a segunda em 1860, quando poderia ter havido o suposto desentendimento entre os compositores. Mas justamente neste ano de 1860, "A Noite de São João"; de Elias Lobo, foi levada à cena seis vezes no Rio de Janeiro, e seis vezes regida por Carlos Gomes.

Se tivesse havido desinteligência, a paz entre eles só se teria restabelecido antes da partida de Carlos Gomes para a Europa, porque, quando ele voltou pela primeira vez, foi logo à casa de Elias Lobo executar trechos do Guarani ao piano. Mas Carlos Gomes partiu para a Europa em 1863, e nesta época não havia estrada de ferro e nem estação em Jundiaí! (23).

Campinas triunfava em todos os setores de sua vida, econômica, social, cultural e artística, ombreando com a capital da província e ameaçando-a de suplantá-la. Riqueza, luxo, viagens de estudos e de lazer, cultura geral e artística, atraindo elementos que vinham aumentar a sua ascensão. E Elias Lobo e sua filha Ana Esméria, constituíram esse elemento de elevação no campo da música, o que não passou sem um registro de professora reputadíssima pela cultura e pelas qualidades reveladas no seu magistério, Dona Josefina Sarmiento, cronista de altos dotes:

"Temos, porém, notado que esse gosto, nestes últimos tempos, tem-se, por assim dizer, afinado, ampliado, educado mais, e isto desde que vieram para esta cidade professores como os snrs. Luís de Pádua e Giorgeti, maestro Elias Lobo e outros". "Temos ainda ~~xxxx~~ outras pianistas não menos habilidosas, tais como as exmas. sras. dd. Placidina do Amaral, Ana Esméria Lobo, Ana Pinto, Amélia Lacaze, Cecília Almeida, Marciana Mendes e outras". Podemos dizer o mesmo quanto a cantoras distintas. Dentre elas destacam-se as exmas. sras. dd. Adelaide Lopes Gonçalves, Ana Esméria Lobo e Maria Monteiro". "A voz da exma. snra. d. Ana Esméria amolda-se principalmente a composições melancólicas. Então a voz desprende-se-lhe da garganta, suave, terna, dolorosa; é um queixume, uma prece soluçada que faz cismar, inundando-nos a alma de doce tristeza indizível" (24).

E Elias Lobo plasmava na memória dos que o admiravam, a figura do seu talento e a bondade de seu coração. Sua lembrança não se apagava nem mesmo para um soberano. Tinha o Imperador Dom Pedro II especial zelo pelos talentos e homens de valor; amparava-os e deles não se esquecia, acompanhando-os em suas vidas, como fez com Almeida Júnior que não se utilizou do primeiro apoio recebido do Imperador, e só se aproveitou de pensão paga por Pedro II, em nova insistência deste monarca que o fez seguir em estudos para a Europa. De Elias Lobo, sempre se lembrou, como foi noticiado pela imprensa de Campinas, em 1878: "Vimos uma carta escrita do Rio por pessoa fidedigna que na mesma diz que tendo ocasião de falar com o imperador, este perguntou, com muito interesse, pelo nosso conhecido compositor Elias Lobo, lamentando que os paulistas não tivessem em tempo auxiliado esse maestro, na pretensão que manifestou de ir aperfeiçoar seu talento na Europa" (25)

22

Quem deixou também valiosas notas sobre Elias Lobo, foi o jornalista, poeta e delicioso escritor Carlos Ferreira. Em reunião de seus artigos, encontramos crônicas de doce evocação do passado de Campinas, logo após o estabelecimento de Lobo nesta cidade:

"Foi aí, nessa aprazível cidade, que ficamos amigos, que convivemos, que nos tornamos íntimos. Nunca mais deixarei de lembrar, (e com que saudade!) o dia em que pela primeira vez fui recebido no abençoado lar doméstico do exímio maestro.

Era o dia de Natal. Lá se vão certamente uns bons vinte e três anos... Como o tempo voa! (26).

Eu fora convidado para jantar em sua casa, em companhia do "seu povo", segundo sua própria expressão. Vivia ainda a sua primeira consorte, a boa, a carinhosa d. Elisa, tão simples como ele, e tão modesta, não obstante toda a natural fidalguia com que costumava receber os amigos da família, com uma lhaneza e afabilidade incomparáveis, verdadeiramente cativantes!

O jantar correria alegre, muito na intimidade das pessoas presentes, que eram poucas, e nesse número estava o saudoso amigo - o Francisco Quirino, o grande poeta campineiro que a todos encantava com os brilhantes conceitos da sua facúndia inesgotável e com a sua bondade sem limites.

Morava então o maestro na casa onde residira, pouco tempo antes, o amigo Lisboa, onde estivera instalada a "Gazeta de Campinas", (que recordação pungente!) rua Formosa, hoje da Conceição, esquina de Lusitana.

Que deliciosos doces e que música deliciosa todos nós saboreamos e ouvimos nesse dia memorável!

O Elias era incansável ao piano, executando e cantando à meia voz os melhores trechos de sua ópera "A Louca"; e, quando interrompia a execução era para me narrar os episódios emocionantes da primeira fase de sua vida artística, os trabalhos e apoquentações de toda sorte porque passara no Rio para conseguir a exibição da sua primeira partitura - "A Noite de S. João", letra do grande José de Alencar; e as adversidades de que fora vítima

23 ~~22~~

com aquela outra, acima mencionada; a entrevista que tivera com o Imperador, e como lhe falhara a ocasião de ir estudar e aperfeiçoar o seu gênio lá pela poética Itália....

Tudo isto eu ouvia com grande atenção, com profundo interesse, e quando deixei a casa do inspirado compositor, que chegou a ser, em certa época digno êmulo de Carlos Gomes, eram dez horas da noite. Levava de tudo e de todos uma forte e boa impressão que dura até hoje - suave, benéfica, cheia de atrativos e de encanto.

Que música deliciosa, e que deliciosos doces saboreei eu nesse memorável dia!

---0---

Passaram tempos.

Uma vez, entra-me em casa, muito apressadamente o insigne compositor, revelando na fisionomia o que quer que fosse de preocupações importantes.

Eram duas da tarde.

Fazia intenso calor. O maestro sentou-se, puxou de um lenço que trazia ao pescoço à laia de mantinha para aparar o suor da fronte, enxugou o rosto, assoprou para o ar em sinal de fadiga, e dirigiu-me a palavra:

- Prepare-se para grandes coisas!

-Hein? exclamei eu. Que é que há?

-Você vai escrever um libreto.

-Eu? Ora essa! É coisa em que nunca peguei. Libreto para que? para quem?

-Para mim. Vou escrever outra ópera... Está aqui já.... E apontou solenemente para a testa. Tenho-a toda aqui.

Dei uma risada, confesso que dei. Achei graça no rompante. Uma ópera! e eu a escrever libretos! Ora tinha infinita graça o caso!

O Elias continuou:

Que eu me deixasse de gracejos; a coisa era séria. Ele ia escrever outra ópera... Havia de escrevê-la... e porque não? Havia. Havíamos...

E passou a contar-me o complicado enredo do drama lírico, muito cheio de sentimento, de paixões, de suspiros e ais, e ao fim da narrativa sacou do bolso um papel. Era o esboço do libreto com o título "O Sacrifício de Amor", ópera em 4 atos, e em seguida desfilavam os personagens.

-Oh! homem! Mas eu nunca escrevi libretos! exclamei.

Foi tudo em vão. Não houve razões que o convencessem, e eu tive de me resignar a dizer que sim... que escreveria o drama, mas mediante duas condições essenciais: resumir o título e mudar o nome do protagonista que se chamava Teobaldo, nome de minha

particular embirração.

A ópera devia se intitular simplesmente - "Sacrifício". O personagem chamar-se-ia Oscar.

Não quis. Seria tudo como estava no papel. Não aceitava emendas. Pegou no chapéu e saiu...

Eu peguei em mim e fui dormir à sesta.

Fazia um calor horrível...

Escrevi o primeiro ato do libreto. Céus! ainda me lembro até hoje do titânico esforço que fiz! Gastei dois meses!

Um oceano de versos. Começava assim, o primeiro coro de caçadores:

"Da floresta se alevanta

Divino, intenso rumor:

É a natureza que canta

O hino eterno do amor!"

Seguiam depois as cenas apaixonadas, os diálogos quentes, e eu fui ficando de tal arte possuído da minha missão, que, quando dei acôrdo de mim, vi que tinha feito nada menos que um colossal poema para fazer dormir dez platéias!

Percebi que o negócio saíra comprido demais, mas... o que estava feito estava feito, como dizia o velho Imperador com relação à República. De resto, eu estava disposto também a ser teimoso. Nada cortaria. Tudo como estava no papel.

Quando fui à procura do maestro e entreguei-lhe o cartapácio, ele, com um ar muito satisfeito, disse-me que depois, com vagar, leria o ato e me diria que opinião formava.

Respirei. Eu tinha medo que ele lesse à minha vista todo aquele interminável aranzel. Era a justa comoção de um estreado bisonho.

Três dias depois, quando me apareceu, vinha sorridente.

Apertou-me a mão, deu-me os parabens.

Que estava maravilhado com tanta fecundidade! Eu não escrevera um ato de uma ópera, mas sim três óperas, a julgar pelo papel ocupado. Todavia, ele não vinha discutir a quantidade, mas a qualidade da coisa...

- Eu não lhe disse? atalhei-o; eu bem lhe disse que não sabia.

Fez-me um gesto e alisou com a mão a basta cabeleira castanha. Que eu esperasse, que o cuvisse primeiro. Os versos estavam bons, mas a música tinha exigências cruéis que muitas vezes transformavam versos certos em versos errados.

E entrou a indicar-me os versos que deviam ser quebrados para se adaptarem à música, as palavras que deviam ser substituídas para não darem lugar a cacofonias; as entranças eufônicas que era de mister arredar, enfim pedia-me uma transformação geral em tudo, e punha-se a contar pelos dedos as sílabas, cantava, via

24

que ao fim do canto as palavras davam sons horríveis, e concluía, bradando: Impossível; é preciso fazer tudo de novo. O seu verso é que deve caber na minha música e não a minha música no seu verso.

Enfim, para encurtar a história: basta que eu lhes diga que escrevi três vezes o primeiro ato do "Sacrifício de Amor", de maneira que só na terceira vez é que serviu, e isto mesmo com grande custo!

E nisto ficou. Nunca mais escrevi o segundo ato... Quando eu pensava nele via diante de mim um tremendo abismo, e recuava de horror!...

O que lhes posso, porém, garantir, é que a música que ele deixou, feita para o ato escrito, é de um sentimentalismo e de uma docura celestiais. Um verdadeiro mimo!...

---0---

Bom e talentoso Elias!

A esta hora está ele, provavelmente, na mansão dos justos em que tanto punha a sua fé de crente sincero, de espírito piedoso e resignado.

Deixando este mundo onde as suas nobres aspirações de artista não foram compreendidas, e onde viu desfolhadas uma por uma as rosas de suas ilusões, sem que o seu gênio de poeta se revoltasse contra as brutalidades do destino, vocu sorrindo às regiões gloriosas dessa vida de que ele tanto falava...

Agora lá, sentindo-se perfeitamente feliz, continuará a sonhar... a sonhar... a sonhar sempre.

Amparo, dezembro de 1901" (27).

A vida ativa do Maestro continuou no ensino e nas execuções musicais, e em nova edição, de 1882, do seu tratado de ensino, como noticiou a imprensa: "Método de Música - Vimos a última prova da segunda edição do método de música do maestro Elias Lobo, e que está sendo impresso nas oficinas litográficas do sr. Jules Martin, em São Paulo. O seu autor corrigiu alguma coisa nesta edição, bem como aumentou diversas lições e explicações, tornando o método mais fácil para os snrs. professores o explicarem. Na opinião de pessoas competentes este método é o mais apropriado para o estudo da música. Seja, pois, bem vindo esse trabalho" (28). "

"Método de Música - O distinto maestro Elias Lobo ofereceu-nos ontem um exemplar do seu muito conhecido Método de Música, reimpresso agora em 2ª edição. É um trabalho que tem merecido dos entendidos o melhor acolhimento, e isto está provado pelo fato de ter-se esgotado a primeira edição. Acham-se à venda os exemplares em casa do autor, a quem agradecemos a oferta do folheto" (29).

Não faltou o reconhecimento do valor do Maestro Elias Lobo. A mesma imprensa logo depois noticiava: "S. Musical Elias Lobo - Na cidade de Santos foi ultimamente organizada uma sociedade musical a que deram a denominação de Elias Lobo, em sinal de homenagem ao conhecido maestro desse nome e que reside nesta cidade. A escolha do título não podia ser mais acertada por isso que faz lembrar um nome digno por certo de estima de todos. Os fins daquela sociedade são, segundo nos informam, idênticos aos da Carlos Gomes, de Campinas; isto é, proporcionar a seus sócios ensejo de cultivar a arte musical do modo o mais agradável possível" (30).

Do ano seguinte, 1883, é uma importante composição do Maestro, a "Oratória de Nossa Senhora da Conceição", composta para a inauguração da Catedral de Campinas, a 8 de dezembro, noticiada pela "Província de São Paulo":

"Nas cerimônias religiosas do dia oito, o contingente musical foi importantíssimo, e muita gente foi expressamente a Campinas ouvir as novas composições que deviam ser cantadas naquele dia.

Em primeiro lugar a ORATÓRIA de Elias Lobo, escrita para aquela ocasião, peça a grande orquestra, com dois coros de anjos cantados por 50 senhoras; primeiro coro - solo de Maria - pela exma. sra. d. Cândida de Queirós Teles; segundo coro - solo do anjo Gabriel - pela exma. sra. d. Adelaide Lopes Gonçalves, com acompanhamento de harmonium pelos srs. Emílio Giorgetti e Antônio Álvares Lobo; terceiro coro - solo de Maria - pela exma. sra. d. Ana Esméria Lobo; solo de S. José - pelo sr. Jerônimo Lobo".

"Foram mais cantadas na mesma solenidade uma missa de Elias Lobo e uma Ave Maria, solo ao pregador, do mesmo maestro, cantando este solo e os da missa a distinta professora d. Ana Esméria Lobo, soprano de pequeno volume, mas de timbre agradávelíssimo e notáveis recursos de vocalização".

"A Ave Maria de Elias Lobo é um mimo. Inspiração delicadíssima, estilo mais lírico que religioso, doce e límpida melopeia vestindo frases sacras, é peça \* de fino quilate e constitui verdadeira jóia. A ligeira composição foi traçada de um jato, e mimosamente orquestrada. Foi deliciosamente interpretada pela filha do autor, d. Ana Esméria Lobo" (31).

27

E noticiou a imprensa local: "No dia 8, antes da missa foi executada a grande oratória, música do maestro Elias Lobo e letra do dr. Antônio da Costa Carvalho, produzindo essa composição o mais agradável efeito, pois tomaram parte, além da exma. snra. d. Adelaide Lopes, a exma. snra. d. Cândida de Queirós Teles, e muitas outras senhoras e vários cavalheiros, divididos em grupos, o que fez com que se destacassem magnificamente os solos cantados pelas mencionadas senhoras". "A missa oitava do maestro E. Lobo, já por vezes executada nesta cidade, foi a escolhida para esse dia, completando assim com muito realce a parte da festa. O solo ao pregador, sendo este o sr. Abade de São Bento, cantou-o a exma. snra. d. Esméria Lobo, cuja voz de um timbre muitíssimo agradável é sempre apreciada". (32).

DA Itália chegou um mimo para o Maestro, como publicou o jornal "Gazeta de Campinas": "O Maestro Elias Lobo acaba de receber da Itália uma nova e linda composição de Carlos Gomes, e por ele enviada para esta cidade. Intitula-se Invocazione e está escrita para mezzo soprano, com acompanhamento de piano. É uma suave melodia simples e de muito efeito, Carlos Gomes dedicou essa composição á exma. sra. d. Ana Esmeria Lobo, filha da ~~que~~ seu amigo" (35).

28

Neste mesmo mês de dezembro, passadas as festas do dia oito, a bondosa esposa do Maestro, depois de ingentes sofrimentos, faleceu no dia 26. Foi sepultada no cemitério da Saudade, onde dois netos a seguiram no sono da eternidade. A Gazeta de Campinas" NÚMEROS DE ~~XXXXXX~~ 27 e 28 de dezembro noticiou: "FALECIMENTO; Após longos e dolorosos sofrimentos, feleceu ontem nesta cidade a sra. d. Elisa Eufrosina ÁLVARES Lobo, virtuossissima esposa do maestro Elias Lobo. Esposa e mãe exremosa, era a digna senhora geralmente estimada e gosava do mais sincero respeito de todas as pessoas que a conheciam e cultivavam sua amizade". "Enterro: DEU-se ontem o saimento do cadáver da sra. d. Elisa Eufrosina Álvares Lobo, esposa do Maestro Elias Lobo. Na matriz da Conceição foi feita a encomendação acompanhada pela orquestra Sant'Ana Gomes, sendo o féretro seguido até o cemitério por crescido número de pessoas"

Seis meses após, em junho de 1884, patenteou-se de novo o valor do Maestro com a distinção que lhe concedeu o Clube Internacional de São Paulo, na época um dos mais prestigiosos organismos da vida social e cultural do Estado:

"Ilm<sup>o</sup> Snr.

A Diretoria do Club Internacional, usando das disposições do art. 4<sup>o</sup> § 3<sup>o</sup> dos Estatutos que nos regem, pois que reconhecem em V. S<sup>a</sup>. o verdadeiro mérito artístico, deliberou em sessão de 6 do corrente, convidá-lo a aceitar o Diploma de Sócio Honorário deste Club.

Esperando que se digne aceitar este convite, junto o respectivo Diploma, e pomos a seu dispor os salões do Club, que nos obsequiará freqüentando-os.

Deus Guarde a V. S<sup>a</sup>.

Ilm<sup>o</sup> Snr. Maestro Elias Álvares Lobo - Campinas".

De (a) Eduardo Prates - 1<sup>o</sup> secretário. De próprio punho, e em belíssima letra, é este ofício honroso subscrito pelo futuro e benemérito Conde de Prates, figura de tanto relevo na vida de São Paulo; vem datado de 11 de junho de 1884. Está na coleção do autor.

Da Itália também chega um mimo para o Maestro, como publicou o jornal Gazeta de Campinas: "O Maestro Elias Lobo, acaba de receber da Itália, uma nova e linda composição de Carlos Gomes, e por ele enviada para esta cidade. Intitula-se Invocazione e está escrita para mezzo soprano, com acompanhamento de piano. É uma suave melodia, simples e de muito efeito. Carlos Gomes dedicou essa composição à exma. sra. d. Ana Esméria Lobo, filha daquele seu amigo" (33).

Completava o Maestro cinqüenta anos a 9 de agosto de 1884; neste mesmo dia casou-se com a jovem Isabel de Arruda, filha de conhecidos seus. De sua correspondência se destaca a carta de Dom Joaquim José Vieira, fundador da Santa Casa de Campinas e Bispo do Ceará:

"Fortaleza, 4 de novembro de 1884. Primo Elias.

O longo espaço de tempo interposto à recepção de sua carta e esta resposta, talvez lhe tenha causado estranheza. Mas, sabendo o meu Primo que eu me achava ausente desta capital desde o dia 14 de junho até 20 de Setembro, modificará qualquer juízo desfavorável aos meus sentimentos de amizade para com a sua pessoa e Família.

Recebi a sua carta no Sertão, quando me achava em laboriosa visita episcopal; li-a com toda atenção e interesse de quem

se lembra dos parentes e amigos.

Não estranhei o seu procedimento, casando-se 2<sup>a</sup>. vez, é um o caminho que segue o comum dos homens: ou se entregam às orgias, ou casam-se, o seu não podia escapar a um costume geral; felizmente, porém, escolheu o melhor casando-se.

A Família naturalmente se dispersará, porque é muito difícil haver perfeita harmonia entre madrasta e enteados já crescidos como são os seus filhos; entretanto a prudência de sua parte muito concorrerá para o império da paz; a mim incumbe-me o dever de agradecer-lhe a comunicação, e pedir a Deus abençoar o seu novo consórcio, prosperando os seus dias na sua santa graça.

Recebi também uma cartinha do Paulo (34), dando-me notícias da Família; não tenho apreciado o prolongamento da enfermidade de Ana Esméria (35), quer me parecer que a saúde dela dependerá também do casamento, não sei se me engano muito.

Escrevi, antes de partir para a minha visita, ao meu Tio Antônio Álvares, ~~xxdkgg~~ não sei se ele recebeu minha carta, pois não acusou seu recebimento.

Finalmente vou concluir, pedindo-lhe me recomende a todos de sua Família, à sua nova consorte, e a todos os nossos parentes de Campinas e Itu.

Aceite um abraço saudosos do Seu Primo e Amigo

(a) Joaquim, Bispo do Ceará

P. S. Quando fizer suas orações ao Sagrado Coração de Jesus e as preces de Maria Santíssima, lembre-se do seu Primo e Amigo." (36)

Não se cumpriu a previsão do Bispo; a madrasta, pela sua bondade e paciência, não permitiu as desavenças e se tornou estimada por todos. Seu marido, sempre professor e tendo também como professora de música a sua filha Ana Esméria, deixou Campinas pela capital; filhos homens, do primeiro casamento, se haviam fixado em Campinas, cidade que o Maestro continuou freqüentando como fez no dizer do correspondente jornalista: "Há pouco tempo, por ocasião da festa de Nossa Senhora da Boa Morte, na respetiva capela foi executada uma das suas músicas, fazendo parte do coro diversas exmas. senhoras, e assumindo a regência da orquestra o saudosos maestro. Assim parece que se despedia ele para sempre daquele templo onde - católico fervoroso - encontrava no santo nome da padroeira, o bálsamo consolador para os sofrimentos deste mundo" (37).

Já com os filhos Maria do Carmo, nascida e batizada com 16 dias, ~~xxxxxxxxxxxx~~ a 16 de junho de 1885, e Leão, nascido a 27/10 e batizado a 6 de dezembro de 1886, em Campinas, ~~xxxx~~ passou o Maestro a residir em São Paulo, em casa situada à direita da igreja de Santa Cecília, esquina da rua Dr. Abranches. Cremos que logo se tornou professor de música da Escola Modelo Maria José, do Governo do Estado, pois continuou vivendo do ensino de sua arte.

Em 1890, estava o seu filho Paulo na Faculdade de Direito, e, em 1893, era voluntário das forças que combatiam a revolta da armada. Ainda em 90, teve o Maestro abalada a sua saúde; em carta de 2 de outubro, dizia a sua filha Ana Esméria ao irmão José, residente em Campinas, onde advogava, assim como o outro irmão, Antônio: "papai tem passado bem incomodado estes dias, e na segunda-feira nos assustou muito com o abatimento em que ele ficou".

Em 8 do mesmo mês, o próprio Maestro dirigia carta ao mesmo filho para informar:

"Eu não passo bem; tive há dois dias uma repetição do desfalecimento que, vos escrevi, tenho sofrido; o Dr. Tibiriçá disse-me que são vertigens do estômago pela debilidade em que me acho, ~~e~~ que pode ser causada pela grande interrupção do iodureto. Que eu tenho pouco sangue e que devo fazer uso do vinho no almoço e jantar, não usando há um ano pela proibição que me fez o Dr. Eduardo, a 4 de outubro do próximo passado ano" (38).

A vida do Maestro em São Paulo, foi ativa na sua arte e nas suas relações sociais, com o elevado conceito de que sempre gozou, e estimado como era pelos seus alunos e amigos, estes numerosos nos meios da recente República e aumentados com as suas convicções republicanas e com as dos filhos, dois dos quais já advogados em Campinas e partícipes ativos da propaganda. Alcançar notoriedade e vasto círculo de amigos, sem sair da modéstia de seus bens materiais, significa a amplitude de qualidades morais.

Uma talentosa memorialista, aluna do Maestro, registrou recordação do tempo em que ele lecionava na capital, ou melhor na Escola Modelo Maria José, o único, segundo cremos, cargo oficial de professor que ocupou. Relata a paulistana Laura de Oliveira Rodrigo Otávio, tratando da escola que frequentou, a Maria José: "era no Bexiga, bairro distante, povoado por italianos, separado da Vila Buarque pela várzea por onde passa hoje a Avenida 9 de Julho". Ali se cantavam "lindas músicas de autoria do Maestro Elias Lobo" (39).



Não encontramos composições do Maestro depois de sua fixação em São Paulo. É possível que se tenha só dedicado ao ensino e, devoto como era, a distribuir as benemerências de seu coração. Tornou-se organista da Igreja de Santa Cecília, da qual foi sempre paroquiano, desde sua criação em 1895, até sua morte. Depois de residir ao lado de sua igreja paroquial, mudou-se, ainda em território da mesma paróquia, para a rua Barão de Tatuí, à esquerda de quem sobe a rua, em casa maior e de vasto quintal, que lhe alugara a Senhora Maria Angélica de Queirós Barros, também paroquiana, e protetora, da mesma paróquia.

A sincera religiosidade do Maestro, teve de um sacerdote, afirmativa de subido valor para apreciarmos sua personalidade: espalhava "em torno de si, amor e luz como fardós". A certa altura da vida, adotou, como piedosa devoção, rezar tantos terços do rosário quantos dias estava tendo de vida. Da contagem destes terços, uma anotação sua chegou a nossos dias, documentando sua piedade mariana:

(clichê) *Fig 6*

Pela contagem, deveria ter ele iniciado a oração de seus terços, relativamente a seu passado, a começar de seus quinze anos de idade, 9 de agosto de 1849; porém, pela continuidade dos apontamentos, vê-se que estendeu sua oração para a plenitude de seus dias de vida. Anotou também quando, rezando pelo tempo passado, faltava-lhe rezar ainda por "6 anos", e mais "dezenove terços". Mas o curioso é que tomou por base para apurar quantos terços deveria rezar, terminando seus cálculos quando completasse 67 anos; e foi com esta idade e mais quatro meses de vida, que faleceu. Saberá ele com que idade morreria?

Pode-se concluir que ele tenha rezado tantos terços quantos dias teve de vida, ou sejam 24.582 terços, número que está registrado, por aproximação, em suas próprias notas.

Da intervenção sobrenatural na prática de sua caridade, Afonso Schmidt escreveu uma crônica comovente:

" O maestro Elias Lobo - contou-me um seu sobrinho - ali pelas tantas da tarde, costumava recolher-se ao quarto, fechava-se por dentro e, durante horas, esbragava humildemente as contas do terço. A família, conhecedora de seus hábitos, não o importunava. Mas as criadas, principalmente as recém-entradas para o serviço da casa, não se conformavam com aquilo.

Uma delas, passando certa vez pelo corredor, diante da porta do quarto do maestro, ouviu lá dentro um vivo diálogo. Sentia-se espicaçada pela curiosidade, empurrou a porta, que dessa vez estava apenas cerrada, e entrou. Mas quase caiu de pasmo. Viu o patrão deitado na cama, as mãos cruzadas no peito, a falar sozinho. A lâmpada, que brilhava dia e noite aos

33  
39  
pés de São José, flutuava no espaço. Tinha saído do oratório e, serenamente, pairava no ar como se invisível mão a sustivesse no passeio. Com a aparição da intrusa, a chamazinha voltou ao nicho e o músico se levantou do leito, para dizer, sem vislumbres de censura:

- Nunca mais faça isso. Quando eu estiver conversando com os meus mortos, ninguém deve entrar neste quarto.

Que fazia todas as tardes o notável compositor nas suas conversas com aqueles a quem chamava de seus mortos? Caridade. Sim, caridade. A verdade era que, quando ele deixava o quarto, ia depressa levar o dinheiro e mantimentos a criaturas desamparadas que moravam nos pontos mais distantes da cidade.

Certa vez, por achar-se doente, não quis levar a cabo sozinho uma dessas missões. Por isso, chamou o filho, um rapaz de quinze anos, apanhou o de que precisava e saíram juntos. Andaram cerca de meia hora e chegaram ao centro. Na rua das Flores, esquina de Santa Teresa, os dois encontraram o simpático Padre Chico (40), que ali estava postado à espera de alguém ou de alguma cousa. Eram amigos. No São Paulo daquele tempo, todos conheciam o velho padre e o velho músico.

Vendo-o chegar, seguido pelo rapaz, Padre Chico perguntou-lhe:

-Você também recebeu o aviso?

-Também.

-Pois a casa é aquela...

Depois dessas palavras, o padre, o músico e o rapaz dirigiram-se a um casebre na rua das Flores. A porta e a única janela estavam fechadas. Bateram. Lá dentro nada, nem sinal de vida. Bateram novamente, com mais força e dessa vez tiveram como resposta um gemido. Forçaram a tramela e entraram.

O interior estava escuro e frio. No catre, abandonada, sem forças para erguer-se, para pedir auxílio à vizinhança, uma velhinha paralítica morria à míngua. Vendo-os arregalou os olhos e ajuntou as mãos numa prece.

- Quem lhes contou que eu estava aqui abandonada?

Os dois velhos entreolharam-se e sorriram.

A doente continuou:

- Ha três dias estou aqui morrê-morrendo, sem poder chamar ninguém. Sua visita só pode ser milagre, um milagre do céu..." (41).

Conta o cronista Francisco Mariano da Costa Sobrinho, o que já se conhecia pelo dizer dos filhos, que o Maestro havia pedido a São José, uma casa de morada para sua segunda esposa e suas filhas, depois de sua morte. Enfermo, recebeu a visita de Dona Maria Angélica de Barros, com quem mantinha estreita amizade e de quem era inquilino. Nesta visita, Dona Maria Angélica entregou-lhe a escritura de doação da casa em que residia o Maestro, doação que fazia para a esposa e filhas do Maestro. Ao agradecer, relatou Elias Lobo que se prepararia para a morte, pois havia pedido a São José, há mais de quinze anos, que só o deixasse morrer quando a esposa e as filhas dispusessem de casa para morar. E foi atendido (42).

O Maestro faleceu em São Paulo a 15 de dezembro de 1901, pelas 12 horas e 20 minutos, tendo grande acompanhamento o seu funeral, e numerosas manifestações de pesar pela imprensa do país, em jornais como o Diário Popular, o Correio Paulistano, o Comércio de São Paulo, o Estado de São Paulo, Novidades - da capital do Estado. O Jornal do Comércio, A Notícia - do Rio de Janeiro. O Diário de Santos, O Diário de Minas, o Jornal de Piracicaba, A Comarca de Moji-Mirim, o Diário de Rio Claro, o Comércio de Amparo, a Cidade de Amparo, a Cidade de Itu, a Cidade de Bragança, o Botucatuense, o Correio Católico de Uberaba, a Gazeta de Ouro Fino.

Pelo centenário de nascimento do Maestro, a Corporação Musical União dos Artistas, de Itu, programou e executou atos de homenagens para o dia 9 de agosto de 1934, homenagens oficializadas pelos poderes públicos. Além destes atos, entre os quais constava a inauguração de placa de rua com o nome do Maestro, foi impressa uma poliantéia, na qual colaboradores discorreram sobre ele e características de sua privilegiada personalidade. A capital do Estado e Campinas também o homenagearam com o seu nome em ruas da cidade.

Em 1875, quinze anos depois do fato, Paulo Egídio de Carvalho escreveu, em artigo da Imprensa, sobre as primeiras encenações de "A Noite de São João":

"Elias Álvares Lobo é uma das mais belas glórias da província de São Paulo. Apenas na idade de quinze anos, e quando já começavam a assomar os primeiros pruridos do seu bonito talento, Elias viu-se só e desamparado no teatro do mundo, sem uma mão amiga que lhe dirigisse os passos inexperientes, que lhe franqueasse os meios de seguir a carreira literária, que reclamavam suas opulentas faculdades artísticas. Nasceria, porém, artista; nada pôde sufocar-lhe a bonita vocação que já se expandia em fúlgidos clarões."

"De fato, em 1850 começou a fantasiar na rabeca algumas contradanças bem apreciadas, e logo em seguida escreveu muitas quadrilhas, valsas, schottishs, várias músicas para banda, marchas e dobrados, e algumas para igreja, ladainhas, Tantum-ergo e muitas outras. A 1ª de setembro de 1856 desposou a D. Elisa Eufrosina da Costa, filha do cirurgião Francisco Mariano da Costa; e nesse mesmo ano compôs a sua primeira missa."

"O apreço que mereceu esta sua primeira composição sacra incitou-o a novos cometimentos neste gênero: escreveu mais quatro, sendo a última a grande missa de São Pedro de Alcântara, dedicada ao sr. D. Pedro II, e geralmente estimada como o seu mais belo primor no gênero. Data ela de 1858."

"Em dezembro deste ano proporcionou o acaso um novo gênero para Elias, o gênero lírico. Encontrando-se nesta capital com o nosso estimável patricio, o sr. dr. Clemente Falcão de Sousa Filho, deu-lhe este notícia do libreto do nosso insigne escritor, o sr. conselheiro José de Alencar, denominado "A Noite de São João", publicado no "Diário do Rio de Janeiro". Apenas o leu, no intervalo de vinte e oito dias escreveu Elias a sua notável ópera do mesmo nome, para piano e canto, com o modesto fim de ser cantada em família."

"A instâncias de amigos seus que o aconselharam a orquestrá-la, Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Empreendeu assim, muito em segredo, uma viagem à corte; mas, passando por esta capital, foi descoberto o seu segredo pelo falecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distintos que então cursavam a Faculdade de Direito, Pinto Moreira (43), Macedo Soares (44), Bitencourt Sampaio (45), Azarias (46) e outros, plêiade brilhante que dirigia nesse tempo o movimento literário da

Academia de São Paulo."

Começaram então seus triunfos artísticos: os jornais desta capital o saudaram nas mais fervorosas expressões, festejando em Elias um distinto maestro paulista."

"Em julho de 1860 voltou Elias à corte com sua ópera orquestrada e tratou de representá-la, tendo recebido de D. Pedro II o mais benévolo acolhimento. A companhia da Ópera Nacional, então extinta, reorganizou-se ao aparecimento de "A Noite de São João". Foi dada a regência daquela ópera ao seu illustre irmão de arte, Antônio Carlos Gomes, e a 14 de Dezembro foi pela primeira vez à cena. Seis vezes seguida e representada, "A Noite de São João" atraiu em todas elas a mais luzida concorrência e arrancou para seu autor as mais ardentes ovações." (47).

Em 1890, escreveu Oscar Guanabarinio pelas colunas de "O País":

"Trinta anos completam-se hoje que, pela primeira vez, foi representada no Teatro São Pedro de Alcântara (antigo Provisório) pela companhia da ópera nacional, da qual era empresário D. José Amate, "A Noite de São João" de Elias Lobo. Foi esta a primeira ópera brasileira, escrita sobre costumes nacionais e música análoga, sendo o libreto do conselheiro José de Alencar.

Em 1861 Elias Lobo escreveu a Louca, libreto do dr. Aquiles Varejão, que tinha de ser representada por ocasião da inauguração da estátua de D. Pedro I, sendo transferida para outra época, até que quando tinha ele de, por conta do governo, ir à Europa estudar, contando para o mesmo fim com o resultado do seu benefício com a Louca", o que não obteve como relataremos adiante.

E. continuou Guanabarinio: "assim é que começou a terceira partitura, cujas notas eram bordadas sobre versos de Carlos Ferreira, mas não terminou o trabalho iniciado em 1875, sob o título -Sacrifício de Amor-. Um fragmento dessa ópera, de uma delicadeza real, acha-se incorporado na 12ª das missas que escreveu.

Em 1886 Afonso Celso Júnior prometeu-lhe um libreto, de assunto nacional, que infelizmente não foi levado a termo, que nos conste.

Mas, não se pense que Elias Lobo, forçado pela necessidade, coagido à luta pela vida, desprezasse a inspiração nativa, nas poucas horas de lazer.

Além das duas grandes oratórias, a do Carmo representada em Itu em 1864, e a do Natal, exibida em Campinas em 1883 por

ocasião de se inaugurar a Matriz Nova, o maestro deixou outras peças sacras como a Três horas de agonia, todos os ofícios da semana santa, 13 missas das quais seis a grande orquestra: 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, 12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup>. Dessas a mais popular é a 1<sup>a</sup>, a de São Pedro de Alcântara, dedicada ao imperador, e que se divulgou por todo o Brasil (48).

Sacramento Blake, biógrafo e dicionarista, foi quem compôs uma das melhores relações de obras de Elias Lobo, pelo que dele se tem valido a maior parte dos que escrevem sobre o Maestro:

"Fundou em 1863 a sociedade musical Filomela, fornecendo ele as peças precisas, que compunha, e em 1866 a sociedade Orfelina, também musical. Abriu em 1865 uma aula gratuita desta arte, e em 1875 convocou em São Paulo todos os professores dela a um congresso, onde se tratasse de elevar a classe e auxiliar as vocações esparsas para o estudo dos bons métodos, pedindo ao governo uma subvenção para uma aula superior de música e a isenção do sorteio militar para a classe. Foi em 1863 escolhido pelo diretório da ópera nacional para ir à Europa estudar os grandes teatros; mas sendo casado e não obtendo meios com que sua família pudesse subsistir em sua ausência, não aceitou a distinção, continuando em Campinas a lecionar piano e canto. Escreveu:

Métoda de Música. São Paulo 1876 in 4º. Segunda edição, São Paulo, 1882.

Missa nº 1 - escrita em 1855 e exibida pela primeira vez na grande festa celebrada em setembro do mesmo ano na cidade de Tietê.

Missa nº 2 - escrita em 1856 para a festa de Nossa Senhora do Carmo; executada a 20 de julho.

Missa nº 3 - em 1857 para a festa do Espírito Santo, executada a 31 de maio.

Missa nº 4 - em 1858 a pedido do conselheiro Antônio Francisco de Paula Sousa. que, ouvindo-a em ensaios, quis que fosse dedicada ao Imperador com o título de missa de São Pedro de Alcântara. Foi cantada este ano na cidade de Itu, e na capela imperial a 1 de dezembro.

Missa nº 5 - em 1864 por ocasião da solenidade feita pela Ordem 3<sup>a</sup>. do Carmo na restauração da referida igreja.

Missa nº 6 - escrita em 1867 com dois credos.

Missa nº 7 - em 1873 para a festa do Senhor Bom Jesus  
a 1 de janeiro de 1874. Esta missa tem grandes so-  
los, concertatos, etc.

Missa nº 8 - em 1874 para a mesma festa em 1 de janei-  
ro de 1875.

Missa nº 9 e 10 - em 1876. São duas menores, Oratória  
de Nossa Senhora do Carmo com coros de anjos, de  
irmãos terceiros e de povo, com as personagens de  
São Simão Stoke e de Santa Teresa, escrita e exe-  
cutada em 1864 na solenidade da missa nº 5.

Oratória do nascimento e circuncisão de Jesus Cristo -  
escrita em 1874 e executada a 1 de janeiro de 1875,  
com dois coros de anjos, de pastores e ~~de~~ campone-  
ses com os personagens, o arcanjo São Gabriel, a  
Virgem Santíssima e São José.

As Três Horas de Agonia - em 1867, executada na sexta-  
-ta feira santa em Itu. É de grande execução.

Semana Santa - em 1872, executada no mesmo ano. O autor  
nesta obra separou-se do estilo seguido pelos outros  
mestres, procurando traduzir os textos em notas, co-  
mo se escrevesse uma tragédia lírica.

Matinas do Santíssimo Sacramento.

Matinas do Espírito Santo.

Encomendações de defuntos (duas).

Novenas de Nossa Senhora da Assunção.

Te Deum Laudamus.

Árias de pregador.

Motetos para o Senhor dos Passos

Padre Nosso (em português).

Salve Rainha (idem).

No gênero lírico compôs:

A Noite de São João: comédia lírica em dois atos. Letra  
de José de Alencar. Rio de Janeiro, 1860, 49 pági-  
nas, in 8º. Foi escrita para piano e canto no pe-  
ríodo de 28 dias em 1858 para ser cantada em famí-  
lia; mas os aplausos que teve em São Paulo e os con-  
selhos de vários amigos o decidiram a pô-la em or-  
questra e trazê-la ao Rio de Janeiro, onde foi exe-  
cutada pela companhia da ópera nacional a 14 de de-  
zembro de 1860, e mais cinco vezes seguidas, com  
geral apêauso, sendo regente da orquestra o céle-  
bre Carlos Gomes. Com a exibição desta ópera foi  
reorganizada a companhia da ópera nacional.

A Louca - libreto do Dr. A. Aquiles de Miranda Varejão,  
em 4 atos. Escrita em 1861 para ser representada  
pela dita companhia a 25 de março do ano seguinte,

Am

por ocasião da inauguração da estátua eqüestre de Dom Pedro I, depois de ensaiada foi retirada por motivos pouco aceitáveis e, tendo entrado mais duas vezes em ensaios no mesmo ano foi ainda retirada. O autor contrariado por tais ocorrências, deixou a ópera nacional e recolheu-se à sua província. Deixando, porém, a partitura por lh'a pedirem sob promessa de que iria à cena, nunca se realizou isto, porque deram ao 4º ato da peça tal descaminho que nunca se houve dele notícia. Só houve da Louca uma exibição particular entre muitos sócios do club fluminense, por empenho do seu diretor e das redações dos principais órgãos da imprensa, unânimes em seus aplausos. De suas composições de menos fôlego vi publicadas:

Amor de mãe: romance para piano.

Já não vive Délia: idem.

Rem-te-vi: idem.

A despedida de São Paulo: idem.

Eu vi o anjo da morte: idem.

Nerina, magna estrela: idem.

Chá preto, Sinhá: modinha.

O carnaval de Itu: valsa.

Uma lembrança de amizade: idem.

Alegria do pobre: polka.

A noite de São João: quadrilha - É tirada de ópera deste título. Desta ópera e da Louca, tem Elias Lobo arranjado algumas peças para se cantar em salão como:

O meu amor: rondó final da Noite de São João.

Meu pensamento é todo amor: cavatina da ópera A Louca. Ambas estão publicadas." (49).

Dizia Machado de Assis em 1896: "Vivia de loteria a Ópera Nacional; antes vivesse de donativos diretos, mas enfim viveu e deu-nos Carlos Gomes, um pouco de Mesquita, outro pouco de Elias Lobo". "Naquele tempo ainda Bach nem outros mestres influíam como hoje" (50).

Artur de Azevedo, em Notícia de 19/12 (talvez de 1901), relata sobre a representação de "A Noite de São João," o que foi transcrito por Augusto César de Miranda Azevedo, em necrológio:

"Dizem que a representação foi um triunfo para o maestro paulista, mas, para repeti-lo, não tenho outra fonte senão a tradição oral, porque a imprensa fluminense naquele tempo era de um laconismo implacável em se tratando de teatro, principalmente do nacional, porque o estrangeiro merecia, em todo caso, um pouco mais de atenção. Essa preferência ainda hoje se manifesta e é, digamo-lo de passagem, uma clamorosa injustiça."

"Se a Noite de São João triunfou (e eu acredito que triunfasse) Elias Lobo não deveu nada ao libretista imortal; portanto, era um talento que deveria ser aproveitado. Não o foi."

"Perderam-se muitos talentos como o de Elias Lobo e o de Henrique de Mesquita, que na mesma época fazia executar o seu Vagabundo." (51).

Nos mesmos necrológios estendeu-se Miranda Azevedo:

"Elias Lobo reclamava sempre o cumprimento de uma promessa que lhe fizéramos, - a de propor, como nas antigas repúblicas, um prêmio ao chefe de família de numerosa prole... e boa. E o pobre amigo partiu sem ver cumprida essa justa recompensa. Não nos faleceu a vontade nem o ânimo, mas não dispusemos de poder para isso. Que os poderes públicos de São Paulo atendam à aspiração do ilustre paulista e promovam uma homenagem condigna do mérito de Elias Lobo e da civilização do Estado, e será isso levado em conta do muito que deixou de fazer em favor de sua glória, quando vivo, que seria agora a glória de todos nós, depois dele morto." (52).

Ao reconhecer-se o seu merecimento em Paris, em 1902, "A Cidade De Campinas" noticiara:

"No "Compte rendu" do Congresso Internacional de Música, reunido em Paris em 1900, vem entre os nomes dos membros daquela ilustre assembléia, o do nosso finado patrício e músico maestro Elias Álvares Lobo, com a declaração:- professor de música no grupo escolar Maria José, do governo de São Paulo, Brasil."

"O extinto professor ofereceu ao Congresso os seus trabalhos musicais e na última sessão, no número dos escolhidos para a respectiva comissão emitir parecer, figura a Arte de

40

Música em diálogo para uso das Escolas do Estado. Tendo sido tão grande a cópia de trabalhos submetidos à apreciação do Congresso, e vindo a Arte de Música do saudoso maestro, no número diminuto (13) dos escolhidos para serem estudados, é grande a honra para o extinto brasileiro e paulista, que viveu da arte em nossa terra" (53) !.

Tratando-se de obra intitulada "Arte de Música em diálogo para uso das Escolas do Estado", da qual não conhecemos exemplar, devemos admitir que seria trabalho mais profundo e extenso em comparação com o "Método de Música" publicado, em primeira edição em 1876 e, em segunda, em 1882.

Pelo 22º aniversário de falecimento do Maestro, "A Gazeta", lembrando a efeméride, noticiou:

"O nome desse ilustre cultor da boa música, deve soar aos ouvidos dos homens de hoje sob a emoção forte de uma grande saudade. É que a atual geração o conheceu como um professor carinhoso e bom, cujas aulas encantavam realmente, já pela riqueza dos ensinamentos, já pela cativante maneira por que eram realizadas. Em quase todas as escolas modelos e grupos escolares, a figura insinuante deste mestre apareceu durante muitos anos no ministério do ensino. E não ha quem houvesse sido seu discípulo que não guarde a lembrança agradável de sua bonomia, do seu afetuoso trato."

"O maestro Elias Lobo não era, porém, unicamente, um ótimo professor de música. Era um musicista de verdade cuja opinião se impunha nos centros de arte de São Paulo. A Paulicéia deve-lhe no preparo dos seus atuais artistas, um grande quinhão de esforço inteligente e proveitoso." (54).

Referência a "A Louca" fez Leopoldo do Amaral, tratando de corporação musical de Campinas, que "executou corretamente peças de séria responsabilidade como" o "final (concertante) do 3º ato da ópera - A Louca - com coros e orquestra, uma das festejadas produções do saudoso maestro Elias Lobo" (55).

A mesma "A Gazeta", em 1935, noticiava: "A diretoria da União dos Artistas, corporação musical existente em Itu, na sua reunião realizada a 23 do corrente mês findo, resolveu denominar a sua futura sede - Salão Maestro Elias Lobo - prestando, deste modo, uma justa homenagem à sua memória" (56).

A revista "Ariel", dedicada à música, teatro, arte, etc., em seu número 30 do terceiro ano, prestando homenagem ao Maestro, relatou que "Elias Lobo foi muito protegido por Dom Pedro II, que o tinha em alta consideração. Quando visitou Itu por ocasião da inauguração da Estrada de Ferro, em 1875, Pedro II, apesar de saber, com certeza, que Elias Lobo era republicano, signatário da célebre Convenção de Itu, foi visitá-lo em sua casa" (57). Traz a revista um retrato de Elias Lobo, com a dedicatória: "Ao Lobinho, oferecemos, A Rangel"

Em 1934, depois de ser comemorado um centenário com festas brilhantes em Itu, a nove de agosto, o ~~grande~~ matutino "O Estado de São Paulo", publicava ~~em 27 de novembro~~ em rodapé, um estudo sobre "Música e Musicistas" no qual se encontra este trecho:

"Contemporâneo de Gurjão, mas nascido no Estado de São Paulo, em 1836 (58), na cidade de Itu, foi Elias Álvares Lobo. Como assevera o Anuário da Província de São Paulo para 1873, foi um compositor fecundo e estimado professor de música vocal e instrumental. Compositor lírico, escreveu duas óperas, Noite de São João e A Louca, tendo sido ambas muito bem recebidas. A primeira foi representada em 1860, no Teatro São Pedro de Alcântara, por artistas da Ópera Nacional, corporação fundada por José Amat, e da qual faz carinhosa menção o cronista do tempo, Melo Moraes Filho. Elias Lobo viveu também em São Paulo onde era muito estimado pelos alunos e pela sociedade da época." (59).

Em 23 de abril de 1935, nova referência fez o mesmo jornal ao Maestro, agora tendo por autor Antônio Augusto da Fonseca, artigo calcado no escrito de Sacramento Blake:

"Elias Álvares Lobo, filho de José Manuel Lobo e de Teresa Xavier Lobo, nasceu em Itu, Estado de São Paulo, em 9 de agosto de 1834, e morreu em São Paulo, a 15 de Dezembro de 1901. Órfão de pai, em tenra idade, protegido pelo padre Feijó, estudou num colégio, latim, francês, arimética, geometria e música. Aos 15 anos, assevera Sacramento Blake, dedicou-se exclusivamente à música, começando por fantasiar na rabeca pequenas peças para salão e banda e após compondo trabalhos sacros, com os quais se tornou um dos mais notáveis compositores brasileiros. Em 1863, fundou a sociedade musical Filomela; e em 1866 a Orfelina. Em 1875 convocou um congresso de professores de música e pediu subvenção e auxílio dos poderes públicos e isenção de sorteio militar para os da classe. Em 1863, foi escolhido pela Ópera Nacional para ir à Europa, distinção essa que declinou pelo fato de ser casado e não possuir outros recursos necessários à subsistência da família, que não os provenientes do magistério. Viveu algum tempo em Campinas e deixou a seguinte bagagem musical: 10 missas, 1 Método de música, editado em 1882; 2 Oratórios; As Três Horas de Agonia, executada em Itu na sexta feira santa de 1867; Semanana Santa (1872); 2 Matinas; 2 En-



Ao tratar de "A Louca", surge logo a Academia de Ópera Nacional, instituição que iniciou suas atividades a 17 de julho de 1858, com a presença do Imperador e da Imperatriz. E conta Escragnole Dória que a "figura principal da Academia de Música foi sempre patrícia nossa, Carlota Milliet, em solteira Leal, por segundas núpcias viúva Kunhardt. Nasceria em 1834, contava pouco mais de trinta anos quando alma e primeira voz da Ópera Nacional, tendo cantado no Teatro Provisório junto a La Grange". E diz, referindo-se a Elias Lobo: "Reputado compositor sacro na província natal, foi autor de ópera representada, A Noite de São João, libreto de José de Alencar. Escreveu ópera que ficou inédita a Louca, libreto de Aquiles Varejão; na obra o principal papel destinado a Carlota Milliet" (62).

*[este espaço o original tem um traço novo de mais de 1/2 página!]*

Passemos, agora, a reproduzir palavras de Francisco Nárdi Filho, sobre o Maestro:

"Na vida deste distinto ituano ~~não sabemos~~ não sabemos o que mais admirar: se o seu gênio fulgurante de verdadeiro artista, se a sua fé, robusta e sincera, de verdadeiro crente, se o cidadão probo, honrado e trabalhador, se o chefe de família exemplar."

"Muito acertadamente dele escreveu o ilustre e saudoso Dr. Paulo Egídio: "Elias Álvares Lobo é uma das mais belas glórias da província de São Paulo. Nascido no seio da pobreza e de uma honesta obscuridade, seu notável talento artístico se revelou desde os mais verdes anos; e, ~~apes~~apespite dos invencíveis obstáculos que lhe opunham sempre suas circunstâncias, sua vocação desabrochou-se bela e esplêndida, e o nome de Elias Lobo pôde atingir, entre os seus patrícios, a altura de um símbolo: o símbolo da arte que se engrandece e se dignifica, que não degenera em um cálculo de interesse e vaidade, mas se eleva à grandeza de um culto nobre e puro".

"Em 1875, juntamente com seu cunhado Tristão Mariano, outro distinto artista ituano, convocou em São Paulo um Congresso dos Professores de Música a fim de se elevar a classe e auxiliar vocações esparsas. Em 1879 escreveu uma Arte da Música, trabalho esse que foi, e ainda é, muito apreciado por todos quantos se dedicam ao estudo da divina arte da melodia. Dele diz um outro seu biógrafo: "Músico distintíssimo, Elias Lobo escreveu obras musicais que lhe dão lugar condigno entre os compositores brasileiros".

"Artista pelo seu gênio fulgurante, pelas obras primas que compôs, tanto no gênero sacro como profano, é Elias Lobo, incontestavelmente, uma das mais lídimas glórias da nossa pátria".

"Católico foi fervoroso e sincero; como bem disse um dos seus biógrafos - a sua fé era uma bandeira sempre desfraldada. Quer em seus momentos de angústias, quer em suas horas de alegria, era sempre para o alto que volvia os olhos, fosse para render graças, fosse para implorar conforto; em Deus repousava toda sua esperança, de Deus vinham todas as suas alegrias; e os mais primorosos lampejos do seu gênio artístico dedicou-os ao esplendor do culto divino, compondo verdadeiros primores para os diversos atos do culto. Não sabia o que era o respeito humano, praticava a religião sem rebuços, jamais procurando ocultar o seu fervor, a sua fé pura e sincera. Seu lar era um verdadeiro santuário, e aí seus filhos se educaram na mais sã moral, bebida nos preceitos da religião".

"Cidadão probo, honrado e trabalhador, era estimado e acatado por todos.; pobre mas altivo na sua pobreza, procurava no trabalho o necessário para manter os seus, jamais se tornando pesado ou importuno aos ricos; nada pedia, nada solicitava; vivia da arte e para a arte e daí o pouco para si e para os seus; se nada pedia, do pouco que ganhava sempre ~~sempre~~ achava um tanto para socorrer o necessitado. Pobre, nada pedia e tudo quanto podia dava à pobreza." (43)

*Novo documento* →

Tardiamente (1950) tentou alguém denegrir a memória do Maestro: "pela excessiva avidez pecuniária do compositor, deixou de subir à cena uma ~~outra~~ ópera denominada A Louca"! Que deslavada mentira! E disse mais, sobre "A noite de São João": "Crítica, foi recebida com reservas pela crítica, por insuficiências técnicas do compositor neófito" (64). Diante do que já transcrevemos antes, conclui-se que o crítico foi um errado partidário do desleal estrangeiro José Amat.

*eliminado*

46  
4

Em "São Paulo em Quatro Séculos", Carlos Penteado de Rezende nos faculta dados sobre o mesmo brilhante maestro compositor: "Forma-se na Academia de Direito o estudante cearense José Martiniano de Alencar, que foi, pouco tempo depois, quem escreveu o libreto da primeira ópera nacional cantada, A Noite de São João, do ituano Elias Lobo" (65). "Em meado de julho, Elias Álvares Lobo dirige-se à Corte com o fito de lá fazer representar sua ópera Noite de São João. Passando por São Paulo, toca-a ao piano diante de entendidos, num serão em casa do sr. Gomide, na rua da Freira" (66). "Em meados de novembro, em Itu, nas festas para a bênção da igreja do Carmo, executam-se oratório e missa de Elias Lobo" (67).

Com o nosso propósito de compor as biografias transcrevendo estudos alheios, para maior segurança no registro de conceitos elogiosos, podemos continuar nas citações, e vamos ao mesmo autor, o brilhante historiador Carlos Penteado de Rezende:

"Elias Lobo, jovem e ambicioso músico natural de Itu, gastava as suas energias em pequenas atividades provincianas quando, em certo dia, em fins de 1858, vindo a São Paulo, se encontrou com Clemente Falcão de Sousa Filho, moço da mesma idade que ele (nasceram os dois em 1834), mas já doutor em leis, e também amante da música. Durante a prosa o Dr. Falcão Filho falou-lhe num escrito do Conselheiro José de Alencar, intitulado Noite de São João, que o Diário do Rio de Janeiro publicara. Elias Lobo leu-o, entusiasmou-se e em pouco menos de um mês escreveu uma ópera (partes para piano e canto), que pretendia encenar em família." "A instâncias de amigos seus, que o aconselhavam a orquestrá-la, Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Empreendeu assim, muito em segredo, uma viagem à Corte, mas, passando por esta capital, foi descoberto o seu segredo pelo falecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distintos que então cursavam a Faculdade de Direito, Pinto Moreira, Macedo Soares, Bitencourt Sampaio, Azarias e outros, plêiade brilhante que diri-

47  
MS  
46

gia nesse tempo o movimento literário da Academia de São Paulo". "No dia 15 de julho de 1859, conforme notícia no Correio Paulistano, passou Elias Lobo por São Paulo, aqui ficando talvez o tempo suficiente para dar uma pequena exibição de sua ópera. Nessa mesma data, em casa do sr. Gomide, que residia à rua da Freira (Senador Feijó), tocou-a para um pequeno auditório de acadêmicos e melômanos". "A 19, em folhetim assinado por M (talvez Macedo Soares ou Pinto Moreira), publicava o Correio Paulistano uma apreciação sobre a Noite de São João, com referências ao problema do nacionalismo musical: 'Não está ainda instrumentada a ópera, mas todo o acompanhamento acha-se esboçado para piano (...). Abre a peça pelo Coro dos Caipiras, em dó maior, com acompanhamento obrigado de violas. Aqui o sr. Elias Lobo nacionalizou a sua obra, pelo estilo popular e genuíno brasileiro, a verdadeira cor local, quando se trata de dar uma forma aos sentimentos do povo". "Assim, muito tempo antes de ser oficialmente aplaudido na Corte, já Elias Lobo merecera dos acadêmicos paulistas uma consagração ao seu talento, a primeira que recebeu" (68).

Adiante, continua o mesmo escritor:

"1859 foi um ano de músicos jovens. Com efeito, os que se exibiram na Capital estavam todos na flor da idade e chamavam-se J. Caldeira, pianista com 18 anos, Carlos Schram, pianista alemão, Elias Lobo, compositor com 25 anos, Sant' Ana Gomes, violinista com 25 anos, e Antônio Carlos Gomes, compositor com 23 anos de idade" (69).

A mesma obra, fazendo repetidas referências ao Maestro Elias Álvares Lobo, com elogios próprios ou repetindo-os de vários críticos, inscreve nota histórica sobre a segunda ópera do maestro: "Antônio Aquiles de Miranda Varejão, 1852-1856, natural do Rio de Janeiro, filho do Comendador Antônio Álvares de Miranda Varejão, escreveu, depois de formado, um libreto, que o maestro Elias Lobo aproveitou para compor a sua segunda ópera, A Louca, em quatro atos, estreada com êxito no Clube Fluminense da Corte. A ópera, embora cheia de qualidades ficou nessa primeira representação, por lhe terem sido furtados trechos importantes" (70).